

Folhas de Lua Quer Ser Mamãe



Isabel Bande Espinosa

Ilustrações: Edgar Léo

Folhas de Lua Quer Ser Mamãe

Isabel Bande Espinosa



© Copyright 2021,
Isabel Bande Espinosa.

Espinosa, Isabel Bande
Es65a Folhas de Lua Quer Ser Mamãe / Isabel Bande Espinosa
- Campinas, SP: Editora Alínea, 1995;
- São Thomé das Letras, MG: Pepe Arte Viva, 2021.

1. Literatura infanto-juvenil brasileira. 2. Histórias
infanto-juvenis. I Título

20. CDD – 809.89282

- B 869.352

Índice para Catálogo Sistemático

1. Literatura infanto-juvenil brasileira 809.89282
2. Histórias infanto-juvenis. B 869.352

© Todos os direitos reservados à autora Isabel Bande Espinosa.

Pepe Arte Viva Ltda.
Edições literárias
pepechaves@gmail.com

Folhas de Lua Quer Ser Mamãe

© Copyright, 1996-2021 - Isabel Bande Espinosa.

Ilustração da capa e internas: Edgar Léo.

Fotos diversas: Imagens livres da Internet.

Versão impressa do livro: Editora Alínea.

Versão digital do livro: Pepe Chaves.

Foto da contracapa: Arquivo da autora.

Texto da contracapa & revisão: Isabel Bande Espinosa.

DEDICO ESTE LIVRO

A minha mãe, Francisca Espinosa, por todo seu apoio, seu carinho e por todas as histórias infantis que me contava e que certamente foram uma inspiração para meu trabalho como escritora.

A todas as pessoas, tão queridas, alunos e alunas, professoras e professores, diretoras e diretores, companheiros e companheiras do Projeto de Educação Ambiental, "Jagurari, Epopéia de um Rio", realizado em Jaguariúna, São Paulo.

A Geraldo Stachetti Rodrigues, sempre presente, que me guiou ao longo do Projeto, clareando minhas dúvidas, e participando ativamente dele, com palestras nas escolas e várias outras atividades.

A Jorge Bélix de Campos, então presidente da Associação Mata Ciliar, pela doação de mudas de árvores nativas, palestras nas escolas, e também várias outras atividades.

A Edgar Léo, companheiro no Projeto, que nos deu de presente suas ilustrações para dois de meus livros, Uma Árvore, Uma História e Folhas de Lua Quer Ser Mamãe.

À Natureza, presente em todos os seres, em todas as crianças, em todas e todos nós.

Isabel Bande Espinosa
São Thomé das Letras-MG
Maio - 2021

PREFÁCIO

Por Geraldo Stachetti Rodrigues*

Às vezes há oportunidades pairando no espaço. Às vezes oportunidades são percebidas, como que captadas em forma de ideias e transformadas em projetos, em acontecimentos.

Outras vezes oportunidades ficam latentes, pulsando em seus mensageiros, como o jequitibá na semente que cai. Como a sabedoria singela nas palavras da Isabel.

A todo instante, todos pensam na necessidade de educar um povo inteiro, de encher de ânsia de curiosidade e saber as mentes de crianças brasileiras de dois a oitenta anos.

Em seus livros, “Era Uma Vez um Rio”, “Uma Árvore, Uma História”, “Folhas de Lua Quer Ser Mamãe”, “O Vulcãozinho Assustado e o Efeito Estufa” e “Mistério na Floresta dos Gnomos”, Isabel Bande Espinosa nos empresta sua poesia, como que embalsamada num âmbar de conhecimento e ética ecológica e conservacionista.

Para todos nós, educadores, pais, irmãos, tios, avós e amigos, essa leitura traz inspiração e vontade de mostrar ao mundo quão clara está a verdade.

Estamos todos partilhando um pequeno ponto azul brilhante num imenso universo repleto de pontos, planetas e sóis.

Nossa proximidade é tal, que não podemos nos olhar como vizinhos, mas sim como colegas de cômodo.

Apenas por falar e ser ouvido, cada um de nós é causa constante das mudanças que fazem com que cada dia seja único.

Palavras mudaram minha vida para um rumo irreversível há muito tempo. Eu lia sobre pássaros e outros bichos e me maravilhava.

Demorou um pouco, até que eu tivesse a sensibilidade de, ao andar na chuva por um campo, notar, nas miniaturas de flores que parecem insignificantes, toda a grandeza da Natureza.

É por essa sensação de imensidão que sinto ao notar a corrente que todos formamos por proximidade, que faço hoje meu esforço no trabalho.

Todo tempo e acaso que, em minha caminhada de criança e adulto, me fez passar pela trilha da busca do entendimento da Natureza, estão bem à frente dos meus olhos.

Estes livros são um atalho claro e suave, sensibilizador e educativo, para que a criança em todos nós possa vislumbrar o mundo como a Isabel o concebe.

Um mundo bonito e harmonioso, pelo qual vale a pena trabalhar e lutar de coração.

*** Geraldo Stachetti Rodrigues é Bacharel em Ecologia pela UNESP – Rio Claro (1982); Mestre em Biologia Vegetal pela UNESP – Rio Claro (1986); Phd em Ecologia pela Cornell University - Ithaca – NY, EUA (1995) e Pesquisador do Centro Nacional de Pesquisa de Monitoramento da Embrapa.**



Era uma arvorezinha, muito sonhadora. Sonhava tanto, que todos no pomar a chamavam de folhas de lua.

E ficou.

Se dona Mangueira ou dona Laranjeira, suas vizinhas, comentavam algum acontecimento com ela, olhava para elas como se estivesse muito longe e sempre perguntava:

– Como? – E nem ouvia a resposta.

Por isso não ficou sabendo quando os donos da fazenda onde morava morreram, sem deixar herdeiros, o que fez com que tudo ficasse para o governo.

Nem percebeu que, de uma hora para outra, muita gente começou a aparecer por ali, principalmente crianças, que subiam nas árvores para brincar e colher frutos.

No começo, as árvores todas - mangueiras, abacateiros, amoreiras, pitangueiras, cajueiros, jaqueiras, goiabeiras, laranjeiras e tantas outras - gostaram da novidade, porque adoravam crianças, mas logo depois coisas muito tristes começaram a acontecer.



Mas a arvorezinha não percebia nada. Vivia mergulhada em seus sonhos de amor, admirando as borboletas, as abelhinhas, os passarinhos, principalmente os beija-flores, que levavam recados das árvores mocinhas em flor.



– Quando será que as abelhinhas vão ligar pra mim? E as borboletas? Puxa, como vai ser lindo quando eu puder sentir os beijos de um beija-flor! Vou ter flores lindas! Com caminhos de guiar até meus segredos mais íntimos, meu néctar.

Só assim ela poderia mandar doces recados à árvore de seus sonhos. Ela se vestiria toda de branquinho, ficaria tão perfumada... E então seu amor saberia o quanto o amava de longe, já há tanto tempo...

– Ah, se eu fosse uma mariposa de seda! – Suspirava.

– Eu lhe mandaria minhas mensagens perfumadas, mesmo que estivesse a onze quilômetros de distância!

Dona Mangueira preocupava-se com ela:

– Meu Deus, quando será que essa menina vai acordar? Vai ser um duro golpe, depois, para ela, saber que...

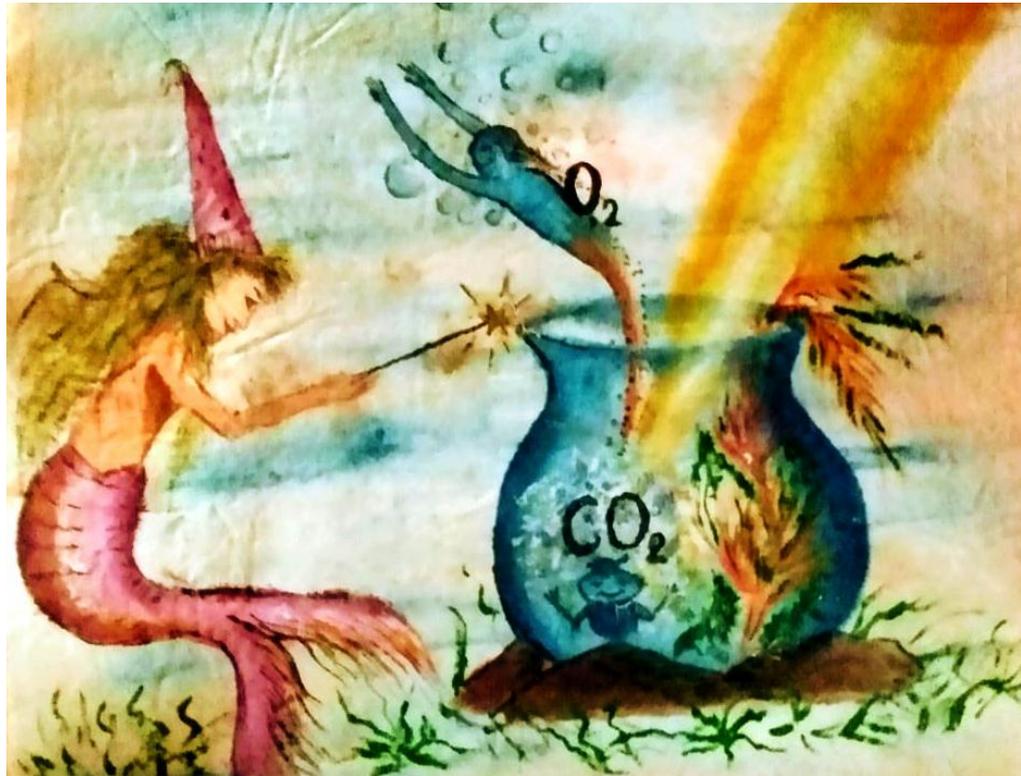


– Psiu! – Interrompia-a dona Laranjeira.

– Não diga nada, pobrezinha. Quem sabe tudo se arranja até lá?

Folhas-de-Lua, porém, continuava sonhando e se preparando para o grande momento de sua vida, sem prestar atenção a mais nada.

Oferecia suas folhas às borboletas, que deixavam ali seus ovinhos minúsculos e supercoloridos. Claro, os bebês eram gulosos e comeriam muitas de suas folhas. Mas não tinha importância. Ela sabia como fazer mais.

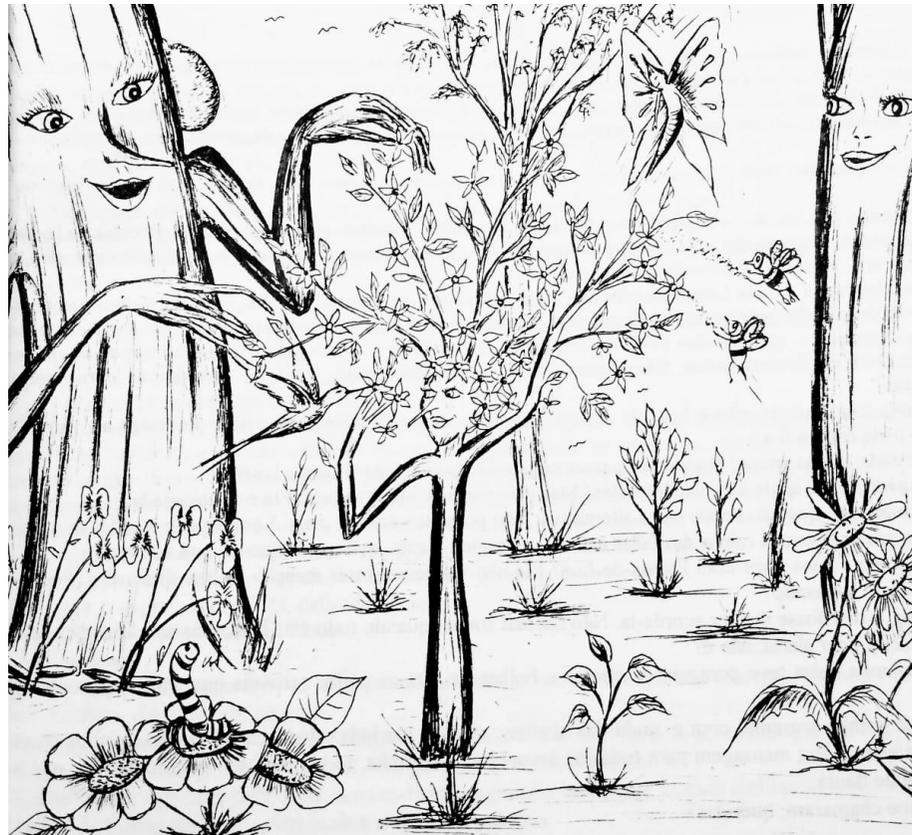


– Pobrezinhas! – Pensava.

– Não são capazes, como nós, as plantas clorofiladas, de produzir seu próprio alimento. Não sabem fazer a mágica da fotossíntese, ajudadas pela luz do sol, a água e o gás carbônico do amigo ar. Precisam de nós para alimentar-se e para respirar.

E ficava muito atenta a tudo que acontecia dentro dela. Sentia, então, suas raízes buscando água, sais minerais e outros nutrientes lá embaixo, no solo fresquinho e mandando esse suco nutritivo por seus vasos fortes, até suas folhas verdinhas. Então sentia a luz, o calor do sol quentinho entrar nelas, junto com o CO₂ do amigo ar.

– Que delícia dar oxigênio e alimento para quem precisa! – Pensava, agradecida, enquanto sentia seu suco novinho, enriquecido pela mágica da fotossíntese, passando para outros vasos, para todo o seu corpo.



- Eu sinto que essa menina vai florir em pouco tempo – preocupava-se dona Mangureira.
- Tenho experiência dessas coisas.

E era verdade. Não demorou muito e apareceram os primeiros botões. Folhas-de-Lua ficou muito feliz e orgulhosa. Finalmente, poderia se casar...

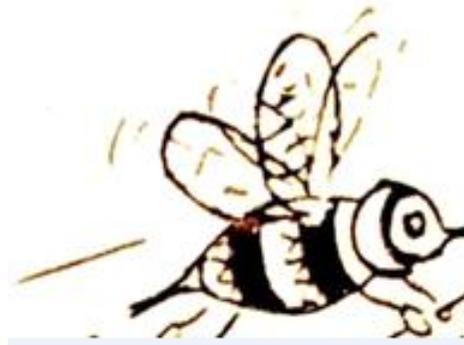
- Conversaria com as abelhinhas, com os beija-flores, com as borboletas. Pediria a eles para levarem seu pólen amarelinho até a árvore de seus sonhos. Seu amor, então, saberia que ela existia e se apaixonaria, com certeza. Então também mandaria seus recados amarelinhos como o sol, o pólen do amor.

Estava certa disso, porque, um dia, tinha ouvido uma fadinha das flores dizer que, quando a gente quer muito uma coisa, e fica imaginando, se concentrando nela, procurando compreender aquilo que a gente quer, aí o que se sonha vira realidade.

É claro que ela não tinha se esquecido de imaginar, também, seus filhinhos. Primeiro as abelhinhas e outros amiguinhos trazendo e levando o pólen do amor, e depositando-o nos ovários das flores.

Depois as flores virando frutos deliciosos, os passarinhos, vindo comer seus frutos, levando as sementinhas para lugares lindos, em que haveria espaço para que elas germinassem, virassem pequenas plantinhas e, depois, árvores belas e fortes.

Numa bela manhã de sol, a primeira flor se abriu. Folhas-de-Lua quase morreu de felicidade. Logo outras flores se abriam e a primeira abelhinha apareceu, partindo logo em seguida.



Ela sabia que a abelhinha ia avisar suas amigas, que dançaria para elas, fazendo um círculo, voltando ao início e repetindo a dança na direção contrária. E que, logo em seguida, muitas abelhinhas viriam buscar seu néctar docinho e seu pólen. Então ela poderia mandar seus recados de amor.

As abelhinhas chegaram, felizes, e visitaram cada uma de suas flores, cruzando as patinhas de trás e enchendo suas cestinhas de pólen, deliciando-se com seu néctar.

Então Folhas-de-Lua sussurrou a elas suas mensagens de amor e as abelhinhas foram buscar o pólen de sua árvore amada em suas cestinhas e trouxeram, na volta, a certeza de que o amor da arvorezinha era correspondido.

– Eu sempre amei você – diziam os recados que suas amiguinhas traziam.

- Eu sempre amei você... eu sempre...



Folhas-de-Lua foi se enchendo de uma felicidade tranquila...recolheu-se em seu coração. Recebia os beijos das borboletas, do beija-flor que nascera ali mesmo, no pomar, e apenas agradecia a Deus por estar viva e porque ia ser... mamãe! Quantos filhinhos teria?

Dona Mangueira e dona Laranjeira olhavam para Folhas-de-Lua, comovidas, elas mesmas sonhadoras, lembrando-se de quando, pela primeira vez, receberam os beijos das abelhinhas, dos passarinhos... Lembravam-se de seus casamentos, dos vestidos de flores brilhantes, do perfume... depois dos frutos, das sementes, que se transformaram em

árvores fortes, filhas fortes e belas, enchendo o ar de oxigênio, alimentando outros seres. Como elas.

– Manguieira, querida, não é hora de sonhar- lembrou dona Laranjeira, sacudindo as folhas ao vento. A situação pede cabeça fria.

– É verdade, minha amiga. Precisamos pensar em como resolver esta situação horrível.

– E se pedíssemos ajuda à rainha das fadas? Mas não gosto de importuná-la. Ela é tão ocupada...

– Sim, mas acho que não temos outra alternativa. Não podemos esperar mais. Vamos pedir a todas as árvores do pomar que imaginem a rainha das fadas em seus corações. Tenho certeza de que ela virá nos ajudar.

– Mas como vamos fazer com Folhas-de-Lua? Ela não vai nem prestar atenção ao que dissermos. Podemos deixá-la assim, sonhando?

– Não sei, talvez fosse melhor acordá-la. Não faz mal sonhar quando tudo está bem, mas nas situações difíceis a gente precisa ficar alerta, não é?

Mas nenhuma delas teve coragem de contar a Folhas-de-Lua as coisas terríveis que estavam acontecendo no pomar.



Então, na manhã seguinte, com a ajuda das abelhas, vespas, marimbondos, joaninhas, passarinhos e outros amigos, mandaram sua mensagem para todas as árvores e, à tardinha, todos ouviram uma linda voz, que mais parecia som de flauta:

– Vocês me chamaram, queridas?

E as árvores do pomar e todos os outros puderam ver, maravilhados, uma figura belíssima, de lindos olhos faiscantes e grandes asas que cintilavam, vestida com tecidos transparentes e esvoaçantes de cores suaves.

Uma luz azul-clara e dourada a envolvia e parecia sair de uma estrela brilhante que enfeitava sua testa.

– Sim, – adiantou-se dona Mangureira, quando conseguiu recuperar a voz.

– Pedimos desculpas por importuná-la, mas a situação é grave.

– Grave?

– Sim, muito grave – disse dona Jaqueira, uma das árvores mais velhas do pomar.

– Durante anos e anos tivemos nossas flores, e as abelhinhas, os marimbondos, os pássaros, as borboletas, os passarinhos, o vento nos ajudaram a encontrar nossas árvores amadas para que nós pudéssemos, juntando nossas sementes de amor, dar nossos frutos.

– Mas como? Eles não querem mais ajudar vocês? – Perguntou a fada, surpresa.

– Não, não é nada disso! – Protestou um beija-flor, batendo suas asinhas rapidamente, no ar.

– O que é, então? – Insistiu a fada, cada vez mais preocupada.

– São... são as crianças! – Soluçou o mamoeiro.

– As crianças? O que fazem as crianças? – Perguntou, surpresa. Ela amava as crianças...

– Durante todos estes anos - retomou dona Jaqueira, imperturbável – nossos frutos amadureceram, como quer nossa Mãe Natureza, e nossas sementes tiveram a oportunidade de encontrar um bom lugar, levadas pelos pássaros amigos, a quem damos nossos frutos, ou mesmo pelas crianças, ou pelas chuvas e pelo vento.

– Tiveram a oportunidade - continuou - de encontrar um bom lugar para germinar e transformar-se em árvores fortes e belas e cumprir sua missão na Terra, que é produzir oxigênio e alimento para os seres que não são capazes de realizar o milagre da fotossíntese e precisam de nós para viver, além de abrigar animais, refrescar o clima, proteger a vida do solo para que o sol não o resseque e as chuvas fortes não o levem para os rios.

– E agora...

– Agora não podemos mais ter filhos!

– Não podem?

– Não, não podemos, porque as crianças não deixam nossos frutos amadurecerem. Arrancam tudo verde, tudo! – Explicou um pequeno Mamoeiro, muito nervoso.

Um choro triste, sentido, se fez ouvir naquele momento. Era Folhas-de-Lua acordando de seu sonho.

– Então não poderei ter meus filhinhos? Não poderei ter meus filhinhos?



A linda fada sorriu e lhe disse, carinhosamente, pousando em um de seus galhos:

– Nós vamos achar uma solução.

Mas não parecia fácil. A rainha das fadas conversou com todas as árvores do pomar, com muita calma, procurando alguma pista, alguma razão para o comportamento estranho das crianças, mas nada. Nem elas, nem os bichinhos que viviam ali entendiam o que estava acontecendo.

Resolveu, então, deixar seus afazeres e ficar por ali, no próximo fim-de-semana, para tentar descobrir alguma coisa.

Viu, então, horrorizada, aquilo que as árvores já lhe haviam contado: os pequenos quebravam galhos, arrancavam folhas e frutas verdes, flores, e brincavam de atirá-las uns nos outros, gritando e rindo, sem perceber o desespero das pobres árvores, que soluçavam baixinho.

Folhas-de-Lua, que acordara definitivamente de seu sonho, estava furiosíssima:

– Alguém precisa fazer alguma coisa! Isso é um absurdo! Será que eles não sabem o que estão fazendo? E seus pais, não ensinam a eles que as flores se transformam em frutos, que os frutos têm as sementes que vão se transformar em outras árvores?

A rainha das fadas não sabia o que dizer. Ela sempre gostara das crianças, adorava ficar junto delas, enquanto brincavam. Queria achar uma razão, uma desculpa, até, para aquele comportamento que também a assustava.

– Se eu pudesse – disse ela – tocaria todas elas com minha varinha mágica e encheria de amor seus coraçõezinhos, mas não tenho licença para isso...

– Por quê? – Perguntaram as árvores.

– Porque os seres humanos têm livre arbítrio, quer dizer, liberdade para escolher se querem ter essa ou aquela atitude, fazer isso ou aquilo, ficar na escuridão da ignorância ou aceitar

a luz do conhecimento. Nossa Mãe Natureza deu a eles um cérebro que nenhum outro ser possui, capaz de escolher o que querem para seu futuro.

– Mas isso é um absurdo! – Revoltou-se Folhas-de-Lua. Quer dizer que eles têm o direito de fazer o que quiserem conosco? E será que a Natureza é tão sábia assim como dizem? Dar um cérebro tão poderoso a seres que o usam apenas para destruir tudo o que ela criou?

– Eu não diria direito, querida. Não, com certeza que não. Mesmo porque eles acabam recebendo de volta tudo de bom ou ruim que fazem. Mas eu não posso mesmo usar minha magia dessa maneira. Eles precisam compreender as coisas.

– Aprender para mudar. Acho que foi nisso que a Natureza acreditou. Que eles poderiam compreender seus instintos, transformá-los e criar uma humanidade consciente, bela, saudável, sábia e então cheia de amor por si mesma e por todos os seres criados pelo Divino.

Folhas-de-Lua suspirou, ao mesmo tempo encantada por aquilo que dissera a fada, e decepcionada. Quanto tempo eles demorariam para entender?

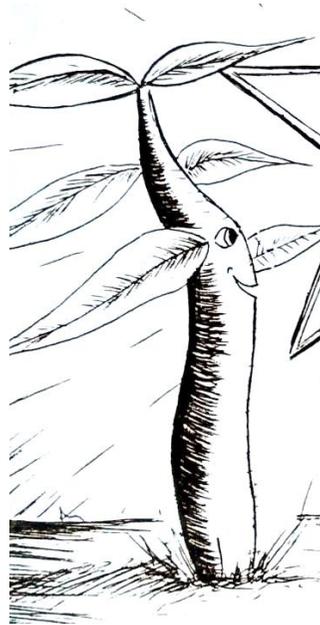
Mas não desistiu de encontrar uma solução. Queria ser mãe, ia lutar pelos seus direitos. A rainha das fadas prometeu que tentaria ajudá-las e partiu, ondulando ao vento seus belos cabelos castanhos dourados.

- Que tal pedirmos às nossas amigas abelhas que ataquem todos no próximo fim-de-semana? – Sugeriu Folhas-de-Lua a dona Mangueira no dia seguinte.
- Afinal, são nossos inimigos, esses pequenos seres humanos.
- Acho que não vai dar certo. Acabariam vindo outros e mais outros e nunca teríamos paz. Depois, não acho uma boa ideia pagar o mal com o mal. Talvez as crianças façam isso por não compreenderem, não saberem o que estão fazendo a nós e a elas mesmas.
- Acho que a senhora tem razão. É que fico maluca só em pensar que vão matar meus filhinhos antes de nascerem... – Disse a arvorezinha, soluçando.
- A rainha das fadas prometeu nos ajudar, lembra-se?
- Vamos esperar que ela volte.
- Deus a ouça, dona Mangueira, Deus a ouça...

Alguns dias depois, à tardinha, a rainha das fadas apareceu no pomar, enchendo-o de uma luz azul-dourada, muito suave. Parecia preocupada.

- Descobriu alguma coisa? – Perguntou-lhe Folhas-de-Lua, ansiosa.
- Sim – respondeu ela, baixinho, olhando para todos os lados.

- É um monstro assustador!
- Monstro? – Perguntaram as árvores, alarmadas.
- Psiu! Falem baixinho. Ele pode estar por aí. Sim, é um monstro pavoroso, que se alimenta das piores energias que, infelizmente, são muito poderosas.
- Meu Deus! – Exclamou dona Mangueira, num sussurro.
- Que energias são essas?
- São as energias que vêm das trevas, da pior escuridão. Energias que nascem da ignorância e que separam as pessoas umas das outras, que separam as pessoas da Natureza e até de si mesmas, de sua própria Essência Divina.
- Que estranho! – Disse Folhas-de-Lua, um pouco incrédula.
- Como é possível separar as pessoas da Natureza, se elas são Natureza, feitas dos elementos da Natureza? De água, do calor do Sol, dos sais minerais das rochas e do solo, do ar que respiram?
- Claro, isso não é possível, mas é possível fazer com que elas pensem que não são parte da Natureza, mas que são donas dela.



- Mas isso é muito perigoso! Esse monstro é mesmo muito poderoso! – Assustou-se um abacateirinho criança.
- Sim, concordou a fada.
- E ele é terrivelmente glutão. Está sempre atrás de toda energia que puder engolir. Adora ficar perto de quem maltrata as pessoas, as plantas, os animais, de quem gosta de mandar nos outros, de ser melhor, de levar vantagem em tudo...
- Adora aquelas propagandas que dão um jeito de dizer: “Use tal roupa, ou tal carro, ou tal tênis, e seja o melhor da sua rua, da sua turma, coisas assim. Ele é esperto. Sabe que isso separa as pessoas e dá força a ele e a seus amigos.

- Mas como é que ele faz para tornar as crianças malvadas? – Perguntou o abacateirinho, muito curioso e preocupado.
- Bem, na verdade, meu amor, ele só consegue se apoderar das crianças que estão no escuro...
- No escuro? Então ele ataca de noite?
- E o pobre abacateirinho ficou com muito, muito medo.
- Não, não de noite – sorriu a rainha das fadas, acariciando suas folhas macias.
- No escuro é jeito de falar. É que no escuro a gente não vê e então não consegue entender algumas coisas. É como se as coisas estivessem escondidas ou não existissem, não é?
- É mesmo!
- Além disso, o escuro, quer dizer, a palavra escuro geralmente lembra coisas desagradáveis e o brilho da luz lembra coisas agradáveis. Vamos ver se é isso mesmo?
- Vamos! – Animou-se a arvorezinha.
- Eu vou falando uma porção de palavras e você diz claro ou escuro. Combinado?
- Combinado.

- Então, vamos lá.
- Alegria!
- Claro!
- Tristeza.
- Escuro!
- Ciúme.
- Escuro.
- Sinceridade.
- Claro.
- Ódio.
- Escuro.
- Falsidade.
- Escuro.

- Dias felizes.
- Claro.
- Coisas que a gente não sabe.
- Escuro.
- Coisas que a gente sabe.
- Claro.
- Gostoso.
- Claro... escuro... claro... agora não sei direito, porque é também gostoso ficar no escuro, imaginando coisas, sonhando...
- É isso mesmo. Escuro é só um jeito de falar. Essas coisas tristes, o ódio, a falsidade, a ignorância, o ciúme, podem chegar de dia ou de noite, num quarto escuro ou num dia lindo de sol, não é?
- É mesmo - alegrou-se o abacateirinho, já convencido de que a escuridão da noite não era coisa de assustar. O monstro poderia chegar a qualquer momento, durante o dia ou durante a noite, aproveitando-se da escuridão da consciência das pessoas.

- Então, como eu ia dizendo – continuou a rainha das fadas, dirigindo-se a todos dessa vez
- o monstro só consegue se apoderar das crianças que não compreendem as ligações que existem entre todas as coisas, que se perderam no labirinto e não conseguem mais encontrar o caminho para a maravilhosa luz que existe dentro de cada um de nós.

- As presas mais fáceis, para ele – continuou – são as crianças que, além de estarem perdidas no labirinto, onde coisas viraram deuses, ainda estão com ódio do mundo porque não podem ter aquilo que a propaganda mostra. Então elas se sentem piores que as outras, sem nenhuma chance de serem admiradas, bem vistas por todos, amadas.

- Coitadas! – Entristeceu-se o abacateirinho, que sabia que todo mundo queria e precisava ser amado e bem visto para poder sobreviver, para poder ser aceito por seu grupo, para sentir-se seguro e feliz.

- E então o monstro ataca!

- E essas crianças que, muitas vezes não têm casa, nem roupa ou comida decente, ficam violentas e destrutivas.

- Muitas das crianças que vêm aqui são assim – lembrou dona Laranjeira, penalizada.

- Sim, muitas não podem comprar uma frutinha sequer. Além disso, como já dissemos, não compreendem as relações que existem na Natureza, não têm ideia do que estão provocando, não têm chances de aprender essas coisas todas. E preferem estragar as frutinhas a deixá-las para outros.

- Pobrezinhas! – Comoveu-se Folhas-de-Lua, arrependida por ter tido a ideia do ataque das abelhas.
- E agora? O que vamos fazer? – Perguntou dona Mangueira.
- Como podemos ajudá-las? A elas e a nós?
- E se alguém explicasse a elas a importância das árvores? – Sugeriu o Abacateirinho, animado.
- Será que se elas soubessem que são nossas irmãs, irmãs do vento, dos rios, filhas do sol e da terra, será que isso iluminaria seus corações e suas mentes e as salvaria desse monstro horrível? – Perguntou Folhas-de-Lua, de novo sonhadora.



– Será que seriam capazes, como nós, de maravilhar-se com os milagres da vida, como a fotossíntese, por exemplo? De encontrar a felicidade nas coisas maravilhosas da Natureza? De ficar felizes brincando de detetives, tentando descobrir os incríveis mistérios da vida? – Perguntou, esperançosa, dona Jaqueira.

– E se soubessem histórias dos bichinhos que moram em nossas raízes, no solo, e que são lindos e superinteligentes? – Perguntou o Pessegueiro.

– É mesmo! Imaginem se elas soubessem que, se não existissem esses bichinhos tão pequeninos que só podem ser vistos com poderosas lentes, as crianças não existiriam também?

– Aí então elas veriam que não existe ninguém melhor que ninguém, que todos são importantes e que todos precisam uns dos outros para viver! – Entusiasmou-se o Abacateirinho.

– Aí sim, eu queria ver se a propaganda mal intencionada conseguiria enganá-las!

Todos queriam dar sugestões, achar uma saída. Pelo menos, graças à rainha das fadas, já podiam, finalmente, compreender as atitudes das crianças.

– A senhora não poderia, com sua varinha mágica, colocar todos esses conhecimentos em suas cabecinhas? – Perguntou Folhas-de-Lua, meio sem graça por estar insistindo. É que ela tinha tanto medo...



– Fazer isso diretamente eu não posso – e a rainha das fadas disfarçou um sorriso, divertida com a insistência da jovem árvore.

– Mas acho que posso ajudar a iluminar seus coraçõezinhos e suas mentes para que as ideias encontrem os seus lugares, para que não se percam, e levem alegria a elas.

Durante algum tempo, ficou pensativa. De repente, pareceu lembrar-se de algo:

– Vocês repararam em um rapaz muito simpático que estava aqui no fim-de-semana em que fiquei observando as crianças? – Perguntou a fada.

– Eu sei! – Adiantou-se o Abacateirinho.

– Ele vem sempre ao pomar e às vezes conversa com as crianças. Às vezes acaricia minhas folhas... Ele se chama Hayran.



– Talvez ele possa nos ajudar- disse a fada, e despediu-se, prometendo voltar o mais breve possível.

Folhas-de-Lua queria que fosse mesmo muito em breve. Tinha medo de que suas lindas flores se transformassem em frutos antes que algo pudesse ser feito.

O fim-de-semana que se seguiu àquela última conversa entre as árvores do pomar e a rainha das fadas seria inesquecível.

E nunca os bichinhos-engenheiros e os bichinhos-químicos que viviam no pomar, bem abaixo do tapete de folhas secas que cobria o chão, no mundo das raízes, tiveram uma experiência tão alarmante quanto aquela.

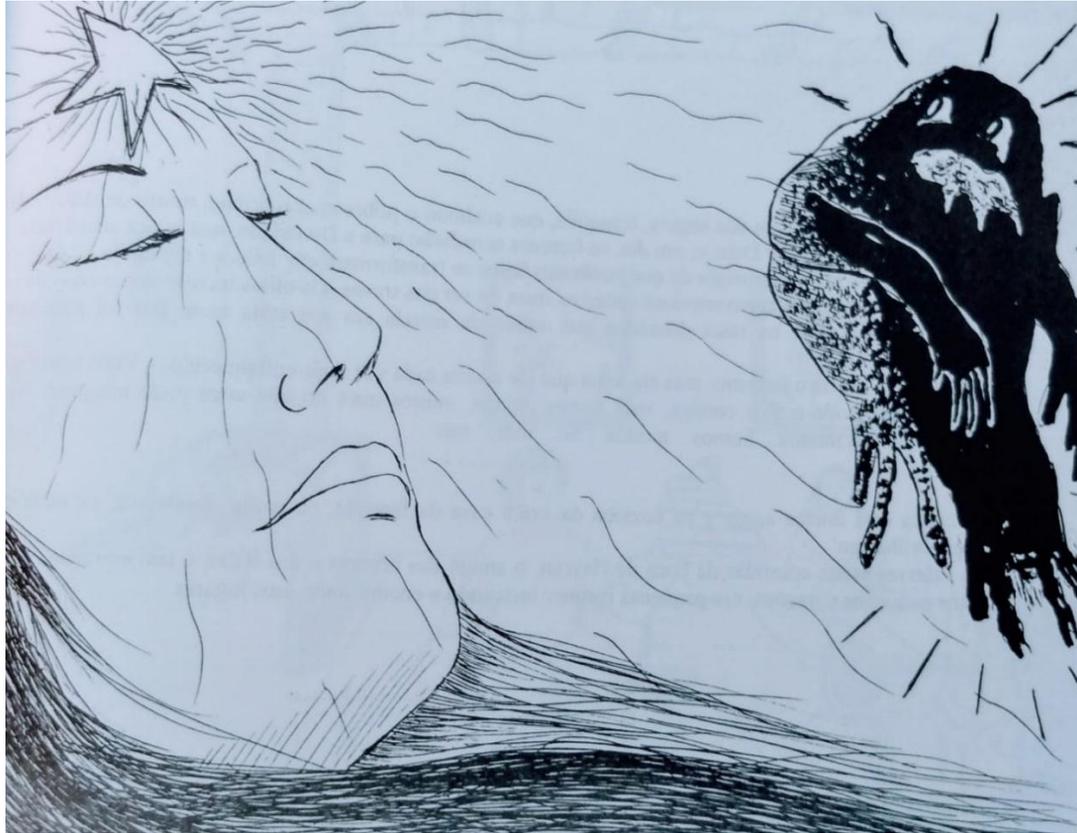
De repente, as raízes estremeceram e se agarraram com muita força no solo que protegiam, como se as árvores estivessem em pânico, fato que causou sérios problemas aos bichinhos-engenheiros, que construía túneis e buraquinhos, reservatórios de água, sais minerais e ar.

Nunca tal confusão acontecera e os bichinhos químicos, que transformavam as folhas que caíam em água, gás carbônico, sais minerais e outros nutrientes para os reservatórios do solo, para que as árvores pudessem se alimentar e produzir o alimento e o oxigênio de que todos precisavam para viver, não poderiam responsabilizar-se pelo resultado do seu trabalho.

Porque engasgaram com o susto e perderam a noção das quantidades.

Lá em cima, a confusão era geral. Relâmpagos caíam por todos os lados e o barulho ensurdecedor dos trovões abafava os sons do pomar. O vento uivava, furioso, e parecia querer levar tudo em seu caminho.

As crianças corriam, assustadas com a tempestade, mas as árvores eram as criaturas mais apavoradas naquele momento, pois viam e ouviam coisas que as crianças e os outros habitantes do pomar que puderam fugir não ouviam.



O monstro lançava contra a rainha das fadas suas energias mais fortes e pavorosas.

– Intrometida! Quem você pensa que é? – Gritava ele, com sua voz horrível, ao mesmo tempo rouca e metálica.

Saindo da varinha mágica da rainha das fadas, luz rosa e violeta brilhante tentava chegar ao coração do monstro, que se desviava dela, tentando, por sua vez, aumentar a capacidade de seus raios de energia maligna para que atravessassem o escudo de luz azul e dourada que protegia o ser encantado.

– O que é que você quer? – Gritava ele.

– Você sabe que vai perder! Tudo está a nosso favor, tudo! A Terra está por um triz! Buraco na camada de ozônio, chuva ácida, desastres nucleares, efeito estufa, rios envenenados, solo envenenado, corações envenenados. Lindo! Ah, ah, ah! Desista, idiota!

A rainha das fadas não dizia nada. Atenta a seu centro, de onde toda a força emana, apenas continuava mandando raios de um violeta maravilhoso que transformavam em beleza todas as energias que podiam tocar.

– Burra! Imbecil! – Continuava o monstro, tentando enfraquecê-la.

– Você tem poucos a seu favor! O que acha que esse rapazinho idiota pode fazer? Meia dúzia de gatos pingados! Mas nós somos muitos, muitos! Somos fortes e temos muitos recursos para continuar esvaziando os corações dos seres humanos. E eles vão querer mais e mais coisas, pensando que podem preencher esse vazio. E o Planeta não vai aguentar! Toda a energia que criou durante quatro bilhões e meio de anos está acabando! Ah, ah, ah! E venceremos afinal! Venceremos!!!

– Não – disse a fada, com voz segura, tranquila, que acalmou o pobre Abacateirinho, morto de susto.

– Todos os seres foram criados por Deus e, um dia, os homens acordarão pra a Divindade, que nunca abandonou seus corações. E nesse dia essa energia de que vocês são feitos se transformará em beleza e equilíbrio.

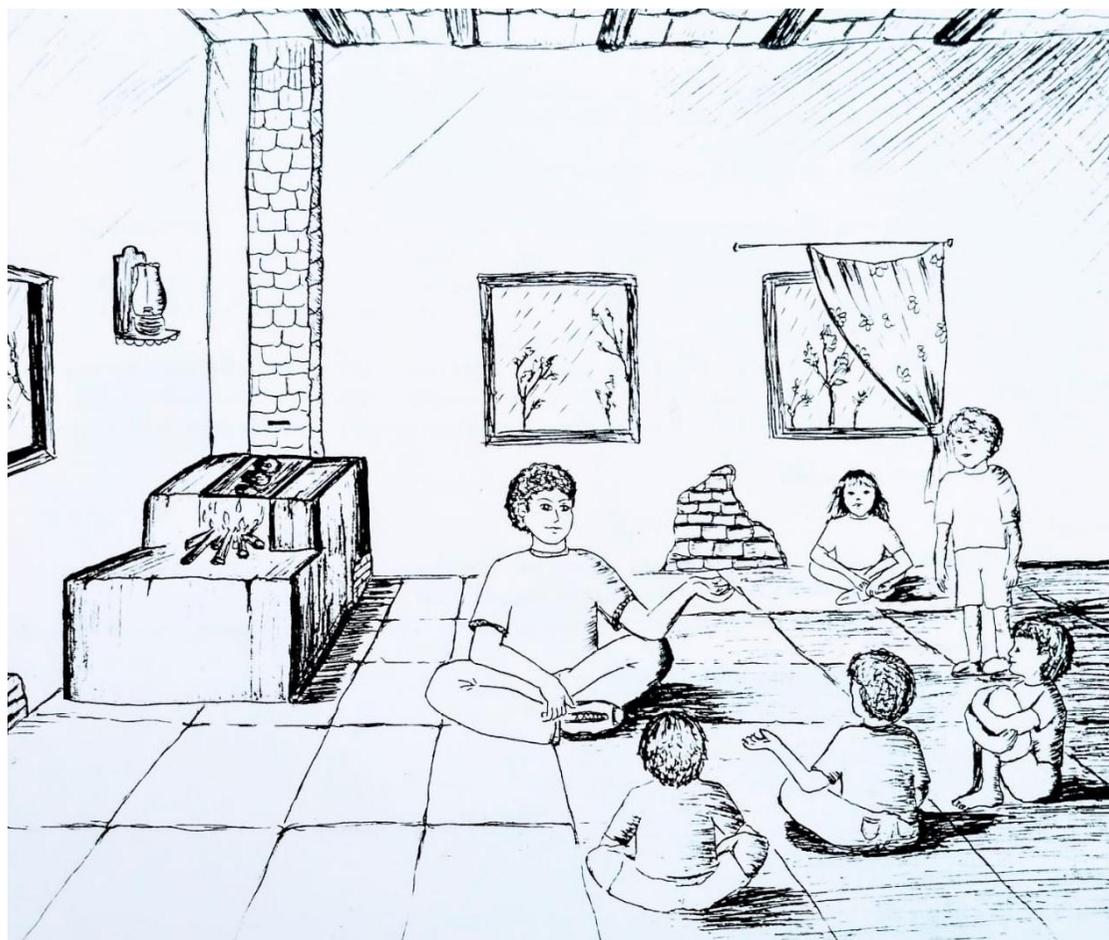
A poderosa luz violeta da transformação se aproximava cada vez mais do ser das trevas. Os olhos incrivelmente brilhantes da rainha das fadas cintilavam e os raios dourados que saiam da estrela em sua testa eram um sol iluminando a tempestade.

– Bobagens! – Dizia o monstro, mas ela sabia que ele estava cada vez mais enfraquecido.

– Você pensa que vai ganhar... Você pode acabar comigo, mas somos muitos, muitos mais do que você pode imaginar. Não vai adiantar... Somos muitos... Somos... muitos... So...mos...mu...

A chuva caía fininha agora e na cozinha da velha casa da fazenda, há muito desabitada, os olhinhos das crianças brilhavam.

As palavras saíam coloridas da boca de Hayran, o amigo das árvores e das fadas, e iam entrando, cheias de luz, nos pequenos corações, nas pequenas mentes, buscando e encontrando seus lugares.



No pomar, Folhas-de-Lua terminava seu banho, enfim refeita do grande susto. Suas raízes lhe diziam que tudo estava bem agora no solo e que bebiam água fresquinha, misturada aos sais minerais nutritivos. Seus frutos precisavam crescer, lindos e fortes.

Em pouco tempo, os pássaros e as crianças se deliciariam com os frutinhas doces, maduros, brilhantes. E então as sementes...

Sim, ela sabia que, pelo menos daquela vez, seria mamãe e sabia que seu amor também estava feliz.

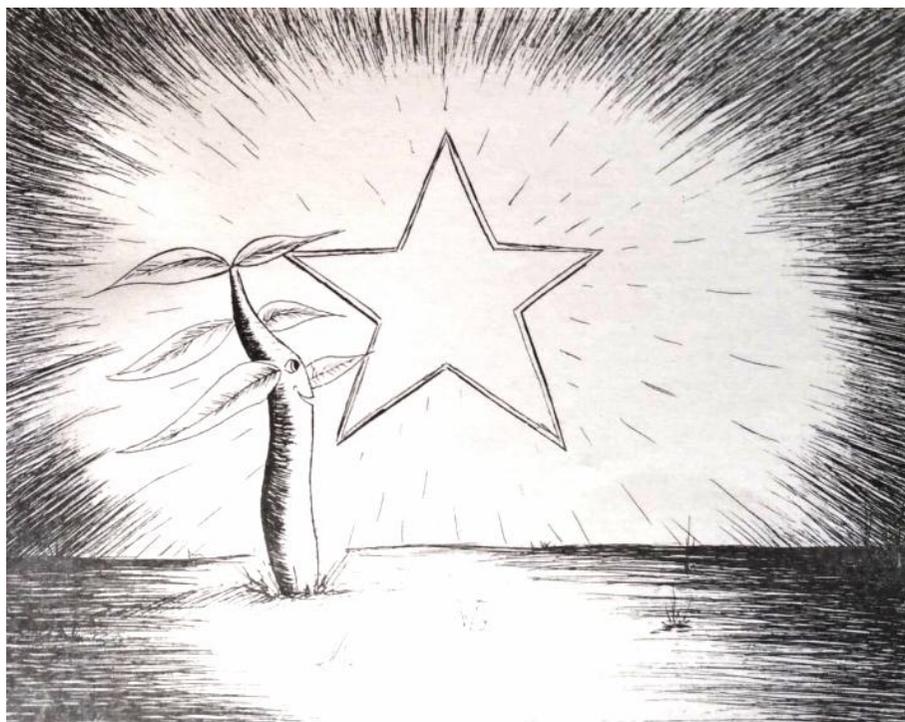
Depois... bem, depois mandaria mensagens a todas as árvores do mundo para que elas imaginassem luz rosa do Amor Divino e a enviassem todas as noites aos corações dos seres humanos para ajudá-los a encontrar seus verdadeiros caminhos.

E então (que maravilha!), todos os governantes de todos os países da Terra resolveriam colocar a Educação Ambiental de seus povos em primeiríssimo lugar!

Depois... depois pediria ajuda às fadas! Depois... as fadas reuniriam todos os Hayrans do mundo e eles ensinariam às crianças as coisas lindas da Natureza.

Depois... depois ela não iria desistir nunca de sonhar, só que bem atenta aos acontecimentos! E nesse momento, dona Mangureira e dona Laranjeira, suas vizinhas, sorriram divertidas e felizes.

E todos, sonhando juntos...



O abacateirinho não se lembrava daquela estrela, mais brilhante do que qualquer outra que já vira, e levou um susto quando ela saiu lá do céu e veio descendo devagarinho até onde ele estava.

– O escurinho é gostoso quando a gente tem uma luzinha no coração, não é? – Disse uma voz suave, de flauta, que ele já conhecia.

FIM

Folhas de Lua Quer Ser Mamãe

Isabel Bande Espinosa



© Copyright 2021,
Isabel Bande Espinosa.



Isabel Bande Espinosa

O maior sonho de Folhas de Lua era ser mamãe. E ficava sonhando... sonhando...

Um dia ela teria lindas flores! Depois frutas deliciosas, com sementes mágicas, tão pequeninas e capazes de se transformar em árvores! A Natureza é incrível - pensava.

Mas ela não sabia que seu sonho maior poderia transformar-se em um grande, terrível pesadelo.

Que algo muito estranho estava acontecendo no pomar da velha fazenda onde morava. O que seria?



**© Copyright 2021,
Isabel Bande Espinosa.**